

“TRIO EM LÁ MENOR” E “APAIXONADA”: UMA ANÁLISE COMPARATISTA ENTRE O CONTO DE MACHADO DE ASSIS E DE NELSON RODRIGUES.

Débora Almeida de Oliveira*

Orientador: Profa. Dra. Sandra Sirangelo Maggio

RESUMO: O presente trabalho visa comparar o conto “Trio em Lá Menor”, de Machado de Assis, e “Apaixonada”, de Nelson Rodrigues. Tendo como base os pressupostos teóricos que orientam a análise crítica do gênero conto, aqui representados nas vozes de Massaud Moisés, Mempo Giardineli e Nádía Gotlib, esse trabalho rastreia os pontos de semelhança que aproximam duas obras tão distintas no tempo e espaço, mas que se entrecruzam na temática. Para tal estudo, o viés comparatista se fez o mais indicado por permitir uma leitura dos traços convergentes e, em certos pontos divergentes, que justificam uma aproximação literária. Consequentemente, foram encontrados momentos de convergência não somente na temática do triângulo amoros, mas também na formatação visual dos contos, na construção do enredo, do narrador e dos personagens. Os momentos de divergência devem-se, principalmente, ao tratamento da linguagem e de estilo. O olhar comparatista sob as obras mencionadas auxilia na compreensão mais aprofundada tanto de Machado de Assis quanto de Nelson Rodrigues.

PALAVRAS-CHAVE: conto, Machado de Assis, Nelson Rodrigues.

ABSTRACT: The present work aims at comparing the short story “Trio em Lá Menor”, by Machado de Assis, and “Apaixonada”, by Nelson Rodrigues. It is taken into consideration the theoretical assumptions which analyze short stories, mainly represented here by the authors Massaud Moisés, Mempo Giardineli and Nádía Gotlib. This work analyzes the similarities between these two stories which touch the same themes, although they are distinct in time and space. Therefore, the comparatist view allows a reading of the similar/different aspects that justify this analysis. Consequently, there are similarities regarding the love triangles, the visual format of the stories, and the construction of the plot, narrator and characters. The aspects regarding the differences between the two works concern the treatment of language and style. This comparatist analysis helps on a better understanding of Machado de Assis and Nelson Rodrigues.

KEYWORDS: short story, Machado de Assis, Nelson Rodrigues.

INTRODUÇÃO

* Doutoranda em Literaturas de Língua Inglesa. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). demestrado@yahoo.com.br

Machado de Assis é considerado um dos maiores romancistas brasileiros. Machado ficou conhecido, respeitosamente, como o analista de almas, aquele cujo olhar desnudava as pequenas e grandes vilanias do ser humano. Nelson Rodrigues, por sua vez, é considerado um dos maiores dramaturgos brasileiros. Suas peças, repletas de inovações temáticas e formais, geraram imensas polêmicas ao redor de seu nome. Entrava em cena outro analista de almas, porém, seu modo de tratar os tabus de então consagraram-no como o tarado de suspensórios.

Mesmo seguindo caminhos tão opostos em épocas distantes, o aclamado romancista e o polêmico dramaturgo guardam um ponto em comum: a arte de escrever contos. Machado desenvolveu tal arte com maestria, transferindo aos seus contos todo o cuidado que tinha ao produzir seus romances. Nelson adotou em seus contos todos os elementos que utilizava ao compor suas peças teatrais, conferindo-lhes um caráter tão melodramático quanto seu teatro. Aparentemente, os contos escritos por Machado e Nelson são completamente distintos, tanto na forma quanto no conteúdo. No entanto, existe uma temática que mereceu a atenção dos contistas: o triângulo amoroso. Baseados neste assunto, muitas de suas histórias retratam dramas e tragédias de personagens que não sabiam como proceder diante de tal fato. Machado e Nelson souberam trabalhar com este tema de maneira hábil e inteligente, cada qual ao seu estilo. Sendo assim, torna-se extremamente importante uma análise comparativa a fim de apreender o modo como os dois autores trataram um dos temas mais recorrentes da Literatura. No presente ensaio, portanto,

tenho como objetivo um estudo comparado dos contos **“Trio em lá menor” (1896) e “Apaixonada” (1999)** . Para tanto, serão analisadas as questões que se referem à estrutura, ao desenvolvimento do enredo e à construção dos personagens.

Antes de formular qualquer paralelo entre “Trio em lá menor” e “Apaixonada”, é imprescindível contextualizar a produção e divulgação dos contos de Machado e Nelson. Embora pertencendo a realidades histórico-sociais bastantes diversas, Machado de Assis e Nelson Rodrigues foram usuários fiéis do mesmo veículo de comunicação: o jornal. Homem do século XIX, testemunha das iminentes campanhas republicanas e abolicionista, Machado de Assis tinha no jornal seu principal meio de divulgação, instrumento através do qual a maior parte de suas obras foi publicada. A elite intelectualizada/colonizada daquele período via-se nas histórias machadianas, pinturas que retratavam os salões e os teatros do Rio de Janeiro no tempo do império, onde os cavalheiros discutiam a política do Brasil e as damas entretinham-se em comentar a última moda de Paris. A identificação da classe abastada com os contos machadianos, porém, não significa que tais contos fossem escritos com o exclusivo intuito de agradar a parcela financeiramente dominante do país, muito pelo contrário. Machado lançava seu olhar cético sobre a natureza humana, mostrando todo o lado egoísta, incoerente, frívolo e cruel do homem. Com uma linguagem simples, e ao mesmo tempo muito bem elaborada, a pena afiada de Machado registrava observações ferinas e fatais ao egocentrismo do leitor.

Também apropriando-se do jornal como ferramenta de trabalho, Nelson Rodrigues publicou quase dois mil contos na

coluna diária “A vida como ela é ...”. Iniciando sua carreira de contista em 1951, o autor escandalizou os partidários do regime ditatorial de então. Em um tempo em que o governo pregava a importância da família brasileira como base de sustentação do país, Nelson atacava o núcleo familiar tão sacralizado e atentava contra os bons costumes. Nos dez anos que passou **escrevendo para “A vida como ela é ...”, Nelson Rodrigues expôs** todos os vícios e paixões do carioca de classe média ou baixa. Através de situações ridículas ou grotescas, o leitor era presenteado com uma série de incestos, adultérios e crimes sexuais, todos relatados com uma linguagem beirando o jornalístico. Feito as devidas considerações acerca dos contos de Machado de Assis e Nelson Rodrigues, posso, agora, ater-me às peculiaridades que tanto afastam quanto aproximam os contos **“Trio em lá menor” e “Apaixonada”.**

O CONTO MACHADIANO x O CONTO RODRIGUEANO

A respeito da estrutura narrativa de um conto, o crítico **Massaud Moisés afirma que o conto “não admite malabarismos estruturais sem comprometer o seu caráter próprio” (MOISÉS, 1968, p. 103).** Seguindo à risca esse preceito, **“Trio em lá menor” e “Apaixonada” possuem estruturas simples e objetivas.** Baseados no modelo do narrador onisciente em terceira pessoa, **“Trio em lá menor” é um dos poucos contos de Machado em** que o leitor não é interpelado pelas típicas expressões machadianas, tais como *tu, leitor atento* ou *tu, romântica leitora*. A ausência deste diálogo entre o narrador e o leitor aproxima **“Trio em lá menor” do conto “Apaixonada”, cujo narrador**

omnisciente, também em terceira pessoa, jamais eleva a voz para indagar o leitor ou para tirar conclusões a respeito do que este possa estar pensando.

Outra característica comum aos dois contos é a presença de epígrafes, recurso raro em Machado e essencial em Nelson. Cada epígrafe serve de introdução ou de resumo ao que será narrado a seguir, organizando a estória por blocos de cenas. Esta formalidade permite uma aproximação com o teatro, cujas peças são divididas por atos assim como estes contos são divididos por cenas. Embora nada comprove, concluir que os contistas foram influenciados pelo fato de também escrever para o teatro é uma hipótese de leitura possível.

Se as epígrafes aproximam os contos, ao mesmo tempo **sua natureza os afasta. “Trio em lá menor” possui epígrafes** donas de um tom muito mais poético e refinado, já que fazem referência a ritmos musicais e originam-se da língua italiana. *Adágio Cantabile*¹, *Allegro ma non troppo*², *Allegro appassionato*³ e *Menuetto*⁴ aludem explicitamente à música e, de modo implícito, à personagem principal, cuja preferência por sonatas a faz tocar **piano durante boa parte do conto. Até mesmo o título “Trio em lá menor”** alude a um triângulo amoroso embalado ao som de **um tom musical, o “lá menor”**.

“Apaixonada”, por sua vez, não revela tais sutilezas e imagens poéticas. *Surpresa, O Outro, O Nome, Desesperado* e *O*

¹ **Adágio** (à vontade calmamente) – movimento em andamento lento. **Cantabile** – cantável, em estilo cantado.

² **Allegro** (alegre, rápido) – movimento em andamento animado. **Troppo** – muito. **Allegro ma non troppo** – animado mas não muito.

³ **Allegro** – idem nota 4. **Apassionato** – apaixonadamente.

⁴ **Menuetto** – minueto, dança de origem francesa em compasso ternário moderado. Tornou-se conhecida na corte de Luís XIV como uma dança de salão elegante, executada por um casal de cada vez.

Pacto são epígrafes bastantes simples e de fácil compreensão, não carregam duplo sentido e não montam armadilhas para o leitor. No entanto, elas conferem ao conto um tom melodramático, pois reproduzem a situação limite em que os personagens se encontram. As divergências semânticas entre **as epígrafes de “Trio em lá menor” e “Apaixonada”** estão inseridas em uma questão bem mais ampla que afeta toda a **construção dos contos: a linguagem. “Trio em lá menor” reúne** algumas das principais características da linguagem machadiana, ou seja, freqüente alusões a obras clássicas, utilização de termos estrangeiros e revelação de um sutil senso de ironia. Para completar, é acrescentado um narrador que joga com luzes e sombras, com ditos e não ditos. Um narrador que jamais afirma, deixando ao leitor o árduo trabalho das interpretações e conclusões. No trecho abaixo, por exemplo, o leitor acha-se diante de Maciel, mas não tem certeza se o rapaz cita palavras do francês por puro exibicionismo ou se por uma simples confusão de falante bilíngüe.

Maciel era homem, como ele mesmo dizia em francês, *trés répandu*⁵, sacou da algibeira uma porção de novidades miúdas e interessantes. (...) Às vezes esquecia-se e falava francês; pode mesmo ser que não fosse esquecimento, mas propósito: conhecia bem a língua, exprimia-se com facilidade e formulara um dia este axioma etnológico – que há parisienses em toda a parte. (ASSIS, 1989, p. 74-75)

⁵ *Trés répandu* – muito relacionado.

“Trio em lá menor” apresenta um vocabulário acessível e um fraseado ágil e sem enfeites. A dificuldade de se entender Machado reside no fato de que este autor exige um leitor com uma relativa cultura, apto a ler nas entrelinhas o que é facilmente ignorado por aqueles que cultivam apenas um conhecimento literário superficial. Nelson Rodrigues, por outro lado, não requer leitores com um determinado nível de preparo intelectual. A linguagem rodrigueana caracteriza-se por sua extrema objetividade, por suas descrições breves de cenários e personagens e, principalmente, por sua abundância de diálogos. Desconhecendo o adjetivo sutil, Nelson vai direto ao que interessa utilizando período simples, curtos e de imensa **expressividade. Em “Apaixonada”, a cena em que a personagem principal confessa ao noivo seu amor por outro homem, ilustra muito bem o estilo rodrigueno de narrar.**

Durante duas horas, ele suplicou: ‘O nome, eu quero o nome! Quem é o camarada? Fala!’. No fim de duas horas, Ivone, exausta, a boca torcida, capitula:

- É o Everardo.

- Quem?

A pequena atraca-se ao noivo e deixa-se escorregar ao longo do seu corpo. Abraçada às suas pernas, repete: **‘Everardo, sim! Teu irmão!’.** Ele perde a cabeça. Na sua fúria obtusa, suspende a pequena e sacode:

- Responde! Por que, entre tantos homens, escolheste meu irmão? Por que não me traíste com outro? Por quê?(RODRIGUES, 1999, p. 72 - 73)

Por cenas como esta, Nelson Rodrigues foi, durante muito tempo, considerado um escritor vulgar, apesar de seus admiradores preferirem as palavras moderno, sarcástico e **excêntrico. “Apaixonada” é um entre tantos contos taxados de crônicas sensacionalistas, cuja linguagem vinha direto das**

manchetes policiais, principal fonte de inspiração do autor. Felizmente, hoje, muitos críticos e letrados reconhecem o valor dos contos de Nelson Rodrigues, cuja intenção era, exatamente, a de retratar o cotidiano carioca tal e qual ele conhecia, sem poesia nem eufemismos. Eudinyr Fraga, professor de teatro brasileiro da USP, faz uma afirmação relevante sobre os diálogos e a linguagem de Nelson. Segundo o professor, **o diálogo do autor é “direto, enxuto, preciso, (...) É linguagem jornalística, repleta de elipses, reticências, cortes bruscos, frases inconclusas mas totalmente conclusivas, se for permitido o paradoxo.” (FRAGA, 2000, p. 54)**

Ainda no âmbito estrutural, o tamanho dos contos produz uma diferença significativa. Dentro do universo machadiano, **“Trio em lá menor” é um conto relativamente breve, levando-se em conta que muitos dos contos de Machado guardavam ganchos para continuar nas edições seguintes dos jornal. Mesmo assim, porém, “Trio em lá menor” é mais longo que “Apaixonada”. Suas cenas são maiores,** permitindo uma melhor descrição dos personagens, de seus sentimentos e das conseqüências advindas de suas atitudes. Além disso o narrador, embora em terceira pessoa, encontra espaço para expressar opiniões sobre os conflitos vivenciados sem ser, contudo, **categórico ou pragmático. A respeito do “trio” a que o conto se refere, por exemplo, o narrador limita-se a emitir a seguinte opinião: “Convenho que é abominável, mas não posso alterar a feição das cousas, não posso negar que se os dous homens estão namorados dela, ela não o está menos de ambos.” (ASSIS, 1989, p. 71)**

Do outro lado da balança, “Apaixonada” caracteriza-se como um conto extremamente curto, feito sob medida para

preencher o máximo de 130 linhas que a coluna “A vida como ela é ...” admitia. Neste espaço exíguo, a descrição dos personagens e dos objetos se resume ao que neles é funcional, deixando de lado todas as informações que não participam intimamente da narrativa. O que importa é a ação, a conseqüência do triângulo amoroso mal resolvido entre a personagem e os dois irmãos que a amam. No que trabalham, como vivem, onde moram e, até mesmo, como são fisicamente, constituem-se detalhes que o narrador não explora. Resumindo a narrativa, em palavras chaves e características essenciais, o narrador abstém-se de comentários pessoais, preocupando-se somente com o desenrolar da trama.

Se a estrutura narrativa de “Trio em lá menor” e de “Apaixonada” é um objeto que proporciona uma proveitosa análise comparativa, ainda mais interessante é o contraponto entre os **respectivos enredos. “Trio em lá menor” e “Apaixonada” versam sobre o mesmo tema, o triângulo amoroso.** Nestes contos, a personagem principal vê-se dividida entre dois amores, sendo-lhe extremamente doloroso o processo de escolha. Estabelecido tal jogo de relações, Machado e Nelson desenvolvem um enredo com base na mesma temática, mas conferem-lhe um tratamento bastante distinto.

Nádia Gotlib, professora de Letras da USP, bem afirmou que **“ Machado tem este dom de fisgar o leitor pela “intriga” bem arquitetada, “intrigando-o” com questões não resolvidas.”** (GOTLIB, 1985, p. 80). É exatamente isso que Machado faz em **“Trio em lá menor”, ao montar uma situação que prende o leitor pela curiosidade (quem casará com quem) e pela crescente angústia frente a um drama que parece não ter solução. “Trio em lá menor” narra a estória de Maria Regina, moça ingênua e**

educada que mora com sua avó. Frequentando diariamente sua casa, estão Maciel, rapaz de vinte e sete anos, e Miranda, senhor de cinqüenta anos. Apesar de não haverem se declarado para a jovem, Maciel e Miranda reconhecem um no outro o interesse pela mão de Maria Regina, o que os leva a hostilizarem-se de forma velada. Esquematiza-se, desse modo, a história um do conto, a indecisão da personagem entre dois pretendentes.

Durante a maior parte do conto, o narrador acompanha as atitudes e os devaneios de Maria Regina. Toda a ação recai nos sentimentos da personagem, que pondera sobre o melhor marido a ser escolhido. Para tanto, Maria Regina não mede as qualidades e defeitos de um pretendente de cada vez, analisando-os separadamente. Sua avaliação baseava-se na comparação, especificamente, na ausência de determinadas qualidades em Maciel e na presença destas mesmas qualidades em Miranda. Enfim, o que um deixava a desejar o outro possuía de sobra e vice-versa.

O procedimento analítico adotado por Maria Regina causa-lhe uma incômoda descoberta: Maciel e Miranda completavam-se. Maciel, jovem e bonito, impressionou Maria Regina por sua aparência e pela boa ação que praticou, salvando um menino de ser atropelado. A seguinte cena demonstra, perfeitamente, o encantamento da personagem e seu julgamento a respeito do caráter do rapaz.

Maria Regina não via nada, via-o a ele, via-lhe principalmente a ação que acabava de praticar, e que lhe punha uma auréola. Compreendeu que a natureza generosa saltara por cima do hábitos pausados e elegantes do moço, para arrancar à morte uma criança que ele nem conhecia. (ASSIS, 1989, p. 73)

Ainda admirada com a beleza e a coragem de Maciel, que **lhe retribuía seus olhares, “Maria Regina perguntava a si mesma onde acharia melhor noivo” (ASSIS, 1989, p. 73). Entretanto,** nem todas as qualidades de Maciel resistiram aos seus comentários sobre as novidades da sociedade, ou seja, pequenas fofocas envolvendo personalidades conhecidas. Em **pouco tempo, ao ouvir Maciel conversando com sua avó, “Maria Regina ia descambando da admiração no fastio; agarrava-se aqui e ali, contemplava a figura moça do Maciel, recordava a bela ação daquele dia, mas ia sempre escorregando; o fastio não tardava a absorvê-la. Não havia remédio” (p. 75).**

Percebendo a falta de profundidade da conversa de Maciel, Maria Regina passa a lembrar de Miranda, dono de características completamente opostas as do primeiro pretendente. **Miranda, descrito como “alto e seco, fisionomia dura e gelada” (p. 75), podia não possuir a juventude e nem o bom coração de Maciel, mas sobressaía-se por sua capacidade de argumentação e por sua erudição, como se vê a seguir:**

Egoísta e mau, este Miranda primava por um lado único: espiritualmente, era completo. Maria Regina achava nela o tradutor maravilhoso e fiel de uma porção de idéias que lutavam dentro dela, vagamente, sem forma ou expressão. Era engenhoso e fino e até profundo, tudo sem pedantice (...)(ASSIS, 1989, p. 76)

À medida que o conto passa, torna-se evidente para o leitor a impossibilidade de uma escolha verossímil. Maciel e Miranda correm lado a lado, nada há de concreto que desmereça tanto algum deles a ponto de favorecer o outro sem sombra de dúvida. Eternamente indecisa, e não poderia ser de outro modo, Maria Regina continua sua análise, sempre olhando para um e pensando no outro. Finalmente, ocorre o já

imaginável. Cansados da espera, Maciel e Miranda esparsam suas visitas aos poucos, até partirem de vez. Não houve explicações, o que seria redundante diante das circunstâncias. Maria Regina sabia-se a responsável pela partida dos dois, reconhecendo, em si mesma, uma ambição que jamais poderia **se concretizar. “A criatura perfeita e única”** (p. 75) que Maria Regina tanto almejava só existia em sua imaginação, só nascia como fruto da combinação entre Maciel e Miranda, como mostra **o narrador neste trecho: “Era a mesma insuficiência individual dos dous homens, e o mesmo complemento ideal por parte dela; daí um terceiro homem, que ela não conhecia. “**(ASSIS, 1989, p. 77)

A princípio, “Trio em lá menor” pode parecer um simples conto em que a personagem tanto escolhe que acaba sem ninguém. No entanto, é a estória dois do conto que o diferencia e o **eleva. As entrelinhas de “Trio em lá menor” mostram o quão** nociva é a procura pela perfeição, atributo estritamente divino, jamais humano. Muito mais do que perda de tempo, tal busca infrutífera só resultou em angústia e sofrimento para os envolvidos no triângulo. Além disso, por sua inseqüência, Maria Regina recebeu um tipo de punição no desfecho, um castigo simbolicamente ministrado em um sonho da personagem, exemplificado na seguinte cena:

Tinha lido de manhã, em uma notícia de jornal, que há estrelas duplas, que nos parecem um só astro. (...) fechou os olhos e dormiu. Sonhou que morria, que a alma dela, levada aos ares voava na direção de uma bela estrela dupla. O astro desdobrou-se, e ela voou para uma das porções; não achou ali a sensação primitiva (...) e ei-la a andar de uma para outra das duas estrelas separadas. Então uma voz surgiu do abismo, com palavras que ela não entendeu:

- É a tua pena, alma curiosa de perfeição; a tua pena é oscilar por toda eternidade entre dous astros

incompletos, ao som desta velha sonata do absoluto: lá, lá, lá ... (ASSIS, 1989, p. 77-78)

Conduzindo o enredo de “Apaixonada” para outra via, Nelson Rodrigues explora o triângulo formado por Ivone, Jamil e Everardo. Desta vez, apesar do título, o enfoque não recai sobre a moça indecisa, e sim, sobre um dos rapazes. Essa mudança **gera uma alteração da história um. Se em “Trio em lá menor” a história um** gira em torno da indecisão de Maria Regina, **“Apaixonada” põe ênfase nas reações de Jamil, ao descobrir** que possui um rival. Logo no início do conto, são apresentados ao leitor os três personagens principais. Jamil e Ivone acabam de noivar quando entra em cena Everardo, irmão mais velho de Jamil. Aparentemente, Jamil é um felizado, sua noiva o ama e seu irmão aprova sua escolha, apesar de um tanto indiferente com a futura união. O fragmento abaixo relata a primeira parte do conto, o momento em que tudo parece bem.

Na noite em que ficaram noivos, Jamil toma entre as suas as mãos de Ivone. Baixa a voz e faz a mais antiga das perguntas:

- Gostas de mim?
- Mas claro! Ou duvidas?

Ele insiste:

- Muito?

Foi definitiva:

- Demais!(...)

Neste momento, aproxima-se Everardo, o irmão mais velho de Jamil. Inclinou-se diante de Ivone.

- Pode-se cumprimentar a noiva?

Ivone deixou-se beijar na testa pelo cunhado. E, então, exultando, Jamil enfia as duas mãos nos bolsos; vira-se para o irmão:

- Eu sou o sujeito mais feliz do mundo. (...)

No ônibus; a caminho de casa, Jamil rompe na frenética **exaltação da própria noiva: “Ivone é fabulosa!”**. Ao lado já com sono, Everardo boceja:

- Grande pequena! (RODRIGUES, 1999, p. 71)

Imediatamente após a cena descrita, Ivone telefona chorando para o trabalho de Jamil, que corre para casa da

noiva. Chegando lá, Ivone termina o noivado com esta **explicação:** “ Pelo seguinte: eu gosto de ti, mas também gosto de outro, oh, meu Deus! Nunca pensei que se pudesse gostar de duas pessoas ao mesmo tempo. Mas pode-se, agora eu sei que **se pode!**” (p. 72). **Desesperado Jamil exige o nome do rival.** Leitores acostumados com a obra de Nelson Rodrigues, no entanto já identificaram, de imediato, a quem se refere as epígrafes *O Outro* e *O Nome*. É do feitio do autor mostrar relações de adultério dentro do círculo familiar ou na roda dos melhores amigos. No universo rodrigueano, esposas traem com os sogros, noras com os genros e, neste caso, namoradas traem com cunhados.

Vencendo a resistência da noiva, Jamil descobre em seu irmão um traidor. A partir daí, o narrador segue todos os passos de Jamil, que passa por um período de perturbação emocional. Se, no início, o leitor podia desconfiar do rumo dos acontecimentos, imaginando um possível caso entre Ivone e Everardo, agora não há mais como prever os caminhos que o **conto irá tomar. Ao contrário de “Trio em lá menor”, onde vários** elementos indicavam que a personagem terminaria sozinha, **“Apaixonada” não deixa indícios sobre um provável desfecho. O** comportamento psicótico assumido por Jamil durante sua crise depressiva leva ao fim trágico, como se constata abaixo:

Durante dois dias, Jamil não apareceu em casa, nem no emprego. Evitava os amigos, os conhecidos e, sobretudo, o irmão. Na sua idéia fixa, cambaleando **pelas ruas, vivia repetindo: cínica! Cínica! No terceiro** dia, com barba por fazer, um ríctus de crueldade, aparece diante da noiva. Ela, que o abraçara, sente o volume do revólver. Jamil respira fundo:

- Eu tenho três caminhos a escolher: ou mato meu irmão: ou mato você, ou me mato. (RODRIGUES, 1999, p. 73)

As três alternativas deixam o leitor atônito, mas a reação de Ivone provoca um espanto ainda maior. Revelando-se tão **desequilibrada quanto Jamil, ela pergunta** : “ E se morrêssemos, todos? Eu, tu e ele? – pausa e continua, num delírio de palavras – Já que este amor é impossível, que nos **importa a vida?” (p. 73). Sem hesitar, Jamil aceita a proposta**, assim como Everardo. A partir desse pacto, é possível perceber a entrada de uma característica rodrigueana que trespassa a maioria de seus contos; a obsessão pela morte. Não aleatoriamente, a única saída para o dilema de Ivone e para a dor de Jamil é o suicídio. Para Ivone, a impossibilidade de ter os dois irmãos faz a vida parecer insustentável, o que leva a vislumbrar naquele pacto sinistro a solução mais aceitável, escapando das alternativa primeiramente oferecidas pelo noivo. Para Jamil, só a morte pode lhe tranquilizar, não importa que morra. Já no desfecho, propriamente dito, o leitor vê os personagens encontrarem-se em um apartamento. Jamil, encarregado de tudo, prepara um veneno, entrega os copos e todos bebem de uma só vez. Nesse instante, Nelson surpreende com um fato inusitado, mudando completamente o final aguardado. Ao invés de encerrar o conto com um triplo suicídio, o narrador descreve esta cena:

Em seguida, beberam tudo. Mas aconteceu o seguinte: o único que caiu, com as entranhas em fogo, foi Everardo. (...) Então, enquanto Everardo agonizava no tapete, Jamil agarra a noiva:

- O único que bebeu veneno foi ele... nós tomamos sal de frutas.

Ivone recua. Quer gritar, mas Jamil, mais rápido, fecha-lhe a boca com um beijo sem fim. Quando a larga, a noiva pede:

- **Beija outra vez, beija!...**” (RODRIGUES, 1999, p. 74)

Para os que lêem Nelson Rodrigues pela primeira vez, **“Apaixonada” pode não fazer sentido. Entretanto, os que** conhecem as obras de Nelson sabem que seus enredos constituem-se, basicamente, dos seguintes elementos: obsessão pela morte, presença do grotesco, exposição de conflitos sexuais e construção de uma imensa rede de adultérios. Lançando mão desses elementos, Nelson deixa em aberto as lacunas de sentido para o leitor preencher. A história **dois de “Apaixonada” coloca em xeque as aparências que a** sociedade ostenta. Ninguém é o que aparenta ser, mesmo em se tratando da tradicional e bem conceituada família brasileira. Sendo propícia a circunstância, qualquer um chega ao crime, **principalmente se o motivo for traição. Em “Apaixonada”, as** entrelinhas mostram o quão insanas podem ser as pessoas tidas como normais. Sobre o enredo dos contos, de modo geral, Massaud Moisés faz esta afirmação:

A grande força do conto – e calvário dos contistas – consiste no jogo narrativo para prender o interesse do leitor até o desenlace, que é, regra geral, um enigma. O final enigmático deve surpreender o leitor, deixar-lhe uma semente de meditação ou de pasmo perante a nova situação conhecida. (MOISÉS, 1968, p, 107).

O terceiro e último objeto do presente estudo comparativo consiste no paralelo entre os personagens dos contos em questão. O primeiro aspecto a chamar a atenção refere-se ao modo como Machado e Nelson caracterizaram seus personagens. Machado trabalhou com descrições mais completas, revelando por exemplo, as idades de Maciel e Miranda, além da idade aproximada de Maria Regina. Por outro lado, Nelson Rodrigues trabalhou com estereótipos, caricaturas cujos defeitos e qualidades são levados ao extremo. Mesmo

assim, é possível formular algumas relações pertinentes entre **“Trio em lá menor” e “Apaixonada”**.

“Trio em lá menor” começa com Maria Regina, Maciel e Miranda. Entretanto, há um personagem a mais, observador deste triângulo; a avó de Maria Regina. Chamada apenas de **“avó”, sem nenhum nome específico, a simpática velhinha** cumpre o papel que a época impunha, isto é, o de zelar pela reputação da moça direita de sua neta. Seu comportamento vigilante é claramente percebido nas cenas em que Maria Regina é visitada pelos dois pretendentes. Sem jamais deixar a neta sozinha, a avó suporta, até mesmo, as sonatas que a jovem insistia em tocar ao piano. Maria Regina, sem importar-se com sua presença, aceita plenamente a companhia da avó, o que demonstra uma sintonia com os padrões morais daquele século, **como mostra este breve trecho: “A avó, prevendo a sonata,** aparelhou a alma para alguns cochilos. (...) – Vovó, disse ela **[Maria Regina], agora há de ter paciência ... “ (ASSIS, 1989, p. 76).**

No entanto, apesar do convívio harmonioso, Maria Regina não recorre a avó quando não consegue se decidir entre os dois pretendentes. Se assim o fizesse, descobriria que a boa senhora pendia para o lado de Maciel, pois achava Miranda *aborrecido e antipático* (p. 76). Se Maria Regina poderia, teoricamente, contar **com algum tipo de apoio por parte da avó, em “Apaixonada” não** há esta possibilidade. Ivone, Jamil e Everardo ocupam toda a **atenção de “Apaixonada”, abrindo espaço somente para o** narrador citar a existência da família de Ivone e dos dois irmãos, o que impede o leitor de se distrair com outros personagens.

Além da diferença no número de personagens, é extremamente relevante contrapor o comportamento de Maria Regina/Maciel/Miranda e Ivone/Jamil/Everardo. Primeiramente, em **“Trio em lá menor”, Maria Regina apenas “ pensava amorosamente em dous homens” (p. 71). Confusa quanto ao futuro vencedor de sua mão, Maria Regina assume uma posição neutra, flertando ora com um, ora com outro. Limitando-se a conversar e a tocar piano, a jovem não se compromete de forma alguma, sendo sua vontade de casar tão velada quanto a rivalidade de Maciel e Miranda. Estes dois pretendentes também portam-se de maneira discreta, em nenhum momento revelando suas verdadeiras intenções. O que entrega o triângulo amoroso é o fato de dois homens freqüentarem abertamente a casa de uma jovem, indício de uma futura união matrimonial naquele tempo.**

Já em “Apaixonada”, os acontecimentos não são tão sutis. Ivone é noiva de Jamil e diz gostar muito dele. Mesmo assim, comete adultério com o próprio cunhado, embora tente atenuar **seus atos com o seguinte argumento:** “ Eu não traí ... Não **houve nada ... só houve um beijo, só ... Foi o máximo, juro!**” (p. 73). Se Maria Regina não namora nem Maciel nem Miranda, Ivone contrai laços de compromisso com Jamil e, segundo sua versão, tem apenas um encontro casual com seu cunhado. Além disso, Ivone anuncia em voz alta sua incapacidade de escolher entre o noivo Jamil e o amante Everardo. Mais do que isso, Ivone afirma sua indecisão para o próprio noivo, ao passo que Maria Regina vive um conflito interno.

Os rivais Maciel/Miranda e Jamil/Everardo seguem caminhos parecidos com os de Maria Regina e Ivone. Polidos e formais, Maciel e Miranda tratam-se civilizadamente, mesmo

detestando-se. Os únicos indícios de antipatia mútua eram percebidos quando o rapaz e o senhor cumprimentavam-se de modo frio, evitando a companhia um do outro. O momento mais explícito, porém, ocorreu quando Miranda fez pouco caso da boa ação praticada por Maciel, ao salvar a vida de um garoto. Excetuando-se tal incidente, Maciel e Miranda agiam como perfeitos cavalheiros.

Sobre os irmãos Jamil e Everardo, é lícito afirmar que Everardo é a ponta mais apagada do triângulo. Aparecendo apenas no início e no fim do conto, Everardo é visto durante toda a narração através dos olhos de Ivone e Jamil. A personagem confessa ter tido um caso com Everardo, mas como se deram os fatos não é revelado. Jamil, totalmente histérico, não se conforma em perder a noiva, a quem diz amar. Paradoxalmente, pensa em matá-la ou matar Everardo, mesmo que seu irmão fosse seu melhor amigo antes do escândalo. Diferentes de **“Trio em lá menor”**; cujos personagens portam-se com elegância, **“Apaixonada”** mostra personagens com valores deturpados, que acreditam no binômio amor/morte como solução imediata para o triângulo formado.

Quanto ao desfecho, cada personagem teve um fim **condizente com sua posição. Em “Trio em lá menor”, Maria Regina** não é julgada nem por Maciel nem por Miranda, apenas por um narrador que diz ser a situação *abominável* e a moça *uma esquisita, desmiolada*, embora reconheça seu *coração excelente*. Sendo assim, Maria Regina contrabalança sua boa índole com uma pequena falha no caráter, terminando o conto sozinha e com um pesadelo. Maciel e Miranda, tão educadamente quanto chegaram, partiram sem maiores transtornos.

Em “Apaixonada”, o desfecho é bem mais chocante. Ivone é explicitamente condenada por Jamil, que acusa a noiva de possuir uma *tara* e de ser *doente*. De fato, Ivone termina por se encaixar no perfil descrito por Jamil. Presenciando a morte lenta de Everardo, a personagem reage apenas no primeiro instante, mas acaba nos braços de Jamil esquecendo-se do homem que agonizava no chão. Everardo morre, e o casal Ivone e Jamil contrai uma ligação muito mais sólida do que o matrimônio. Como pôde-se perceber, **“Trio em lá menor” e “Apaixonada” possuem um número maior de** divergências quando trata-se da construção de personagens.

CONCLUSÃO

A partir do presente estudo comparado, foi possível chegar a algumas conclusões quanto à presença de triângulos amorosos nos contos de Machado de Assis e Nelson Rodrigues, **tomando como base os contos “Trio em lá menor” e “Apaixonada”.** Quanto à questão da forma, pode constatar que **“Trio em lá menor” e “Apaixonada” possuem semelhanças** notáveis, como presença de epígrafes separando os acontecimentos em blocos de cenas e ausência de um narrador que dialoga virtualmente com o leitor, embora os dois contos sejam narrados em terceira pessoa. Levando em conta as diferenças a nível estrutural, posso citar como divergência marcante o uso que Machado e Nelson fazem da linguagem. Apesar de ambos utilizarem um vocabulário simples a frases não rebuscadas, Machado confere aos seus contos uma linguagem extremamente poética, repletas de alusões a obras clássicas. Em outras palavras, Machado é sutil e requintado, enquanto Nelson é seco e objetivo. Em parte, tal fato deve-se ao

tamanho dos contos, já que Nelson, ao contrário de Machado, precisava criar estórias bem curtas, não podendo desenvolver toda sua criatividade.

No que se refere à construção de enredo e dos **personagens, “Trio em lá menor” e “Apaixonada” tratam do** triângulo amoroso, usando-o, como pretexto para criticar uma falha de caráter de um personagem (em Machado de Assis) e para desmascarar a hipocrisia da família brasileira pequeno-burguesa (em Nelson Rodrigues). Jogando com sutilezas, Machado apresenta um enredo que focaliza as dúvidas de Maria Regina, eternamente dividida entre os opostos Maciel e Miranda; a beleza com conhecimentos superficiais e a feiura com intelecto superior. Buscando a perfeição, Maria Regina **termina só. Já em “Apaixonada”, o foco recai sobre Jamil, ao** descobrir que seu próprio irmão roubara sua noiva, Ivone. Beirando à caricatura, os três personagens envolvem-se numa rede de neuroses que termina em um pacto de morte. Porém, o suicídio triplo acaba em assassinato, quanto Jamil mata seu irmão e ganha Ivone, que cede às investidas do ex-noivo voluntariamente. Então, baseada na análise desenvolvida, posso dizer que Machado de Assis e Nelson Rodrigues prestam-se a um trabalho com perspectivas comparatistas. Embora este ensaio tenha pincelado algumas características importantes **sobre a forma e o conteúdo dos contos “Trio em lá menor” e “Apaixonada”,** muitos aspectos continuam em aberto, prontos para outros estudos comparativos.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado de. *Várias Histórias*. Rio de Janeiro: Garnier, 1989.
- CASTRO, Ruy. *O Anjo Pornográfico: A Vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- FRAGA, Eudinyr. As Vinhas da Ira de Nelson Rodrigues. *Cult: Revista Brasileira de Literatura*, São Paulo, n 41, p. 54 – 56, dez. 2000.
- GIARDINELLI, Mempo. *Assim se Escreve um Conto*. São Paulo: Ática, 1994.
- GOTLIB, Nádía B. *Teoria do Conto*. São Paulo: Ática, 1985.
- MOISÉS, Massaud. *A Criação Literária* (conto). São Paulo: cultrix, 1968.
- RODRIGUES, Nelson. *A vida como ela é*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- SADIE, Stanley (ed.); LATHAN, Alison (ed. Ass.). *Dicionário Grove de Música: edição concisa*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1994.